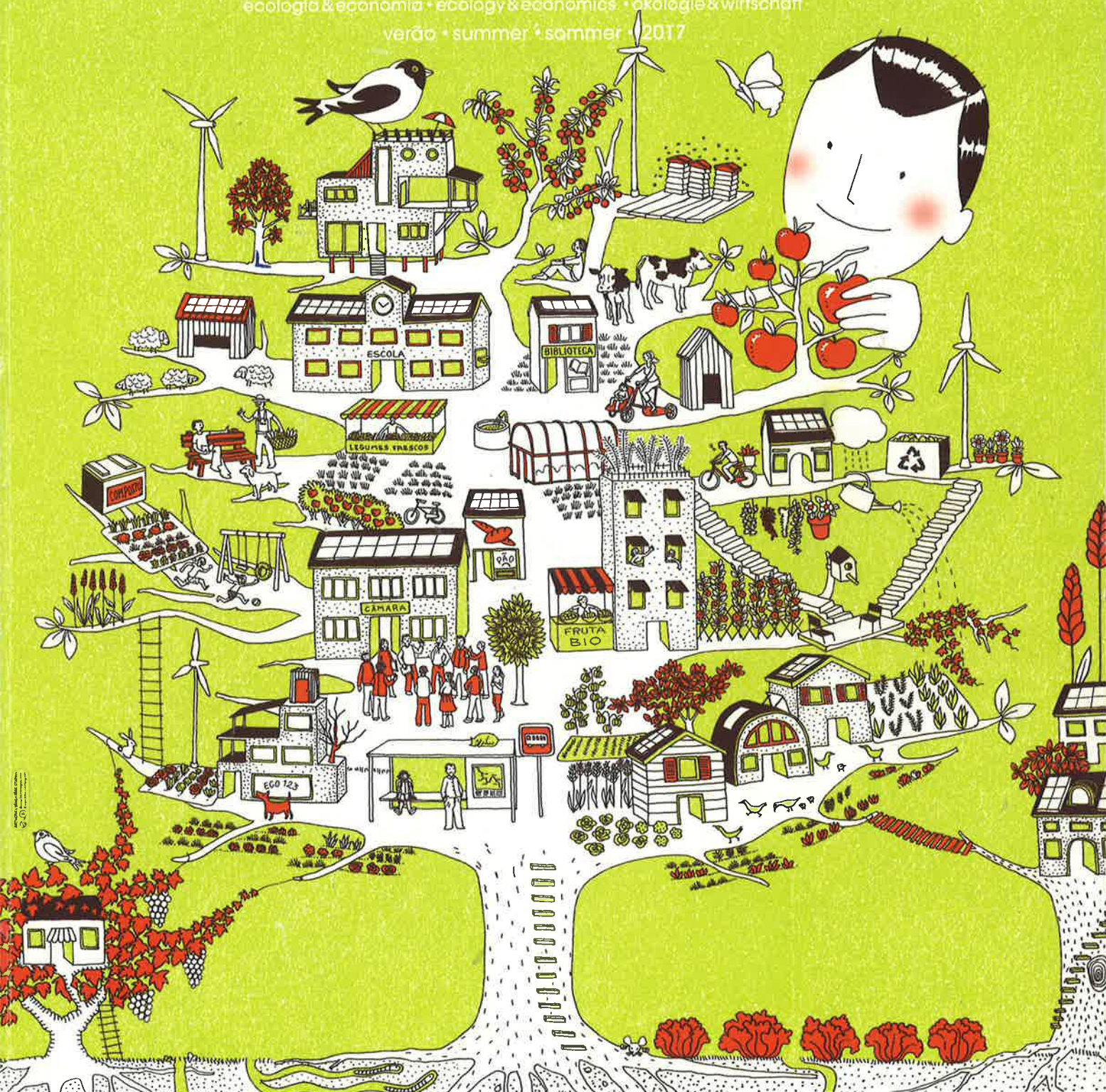




123

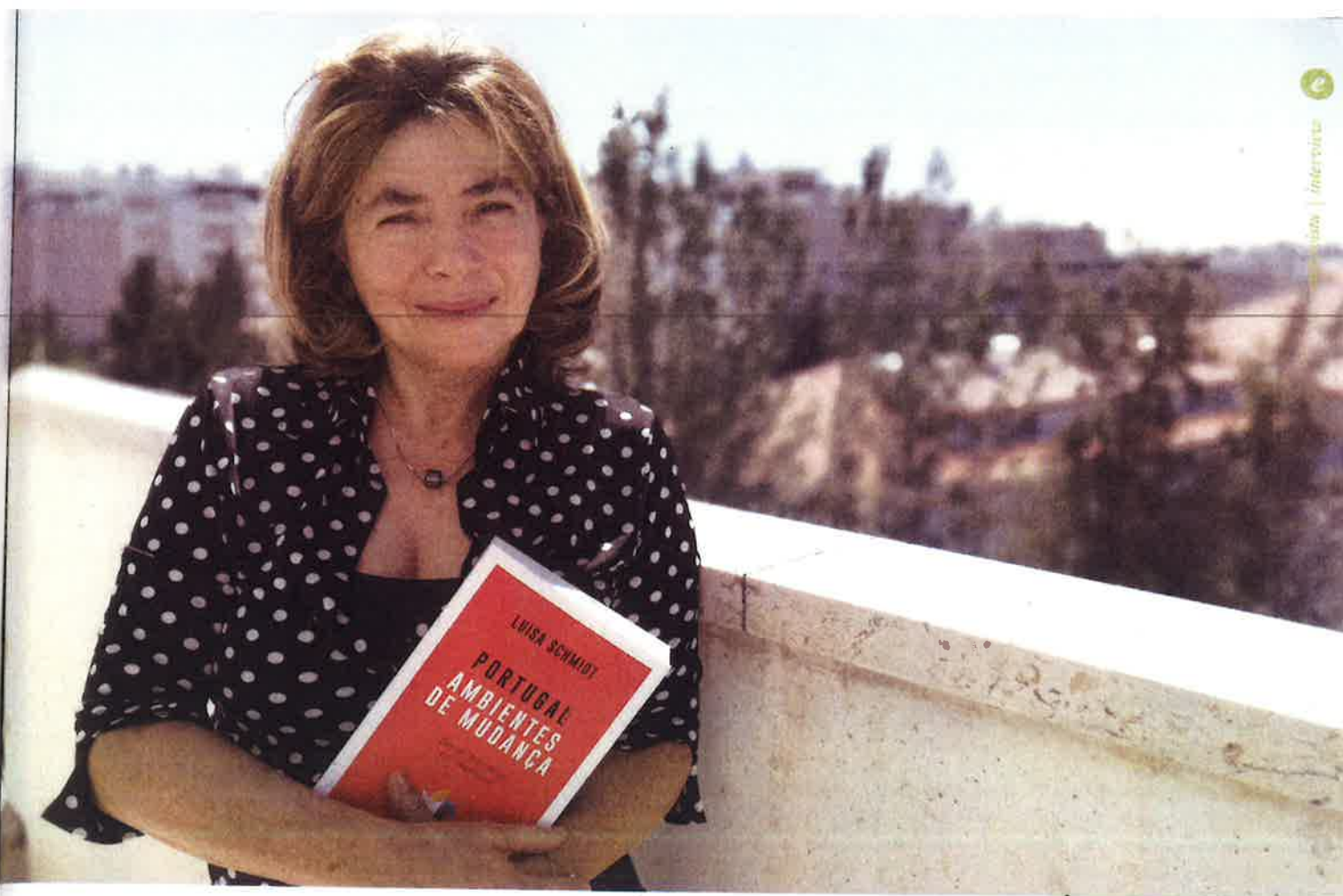
ecologia & economia • ecology & economics • ökologie & wirtschaft
verão • summer • sommer • 2017



COMO QUEREMOS VIVER?

HOW DO WE WANT TO LIVE? • WIE WOLLEN WIR LEBEN?





LISBOA

Rosália Cera

Traduções: Bill Reed & Kersten Funck-Knappfer | fotografias: Rosália Cera

Não há planeta B

There's no planet B

Es gibt keinen Planeten B

PT Viver com melhor ambiente no planeta que temos é o desejo de Luisa Schmidt, uma mulher que aceita desafios e se preocupa profundamente com as questões da equidade e da justiça. Luisa Schmidt é investigadora no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, jornalista, escritora, membro do Conselho Nacional de Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (CNADS). Falámos com ela, entre outros assuntos, sobre o seu último livro *Portugal: Ambientes de Mudança. Erros, Mentiras e Conquistas*, uma reflexão sobre um conjunto de artigos publicados como colunista da semanário *Expresso*.

EN Luisa Schmidt is a woman who accepts challenges and is profoundly concerned about issues of equity and justice, and her greatest wish is to live with a better environment on the planet we have. Luisa is a researcher at the Institute of Social Sciences at the University of Lisbon, a journalist, writer, member of the National Council for the Environment and Sustainable Development (CNADS). We talked to her about her latest book *Portugal: Ambientes de Mudança. Erros, Mentiras e Conquistas* (Portugal: Environments of Change, Errors, Lies and Conquests), a reflection on a series of articles she published as a columnist for the weekly newspaper *Expresso*.

DE Mit einer besseren Umwelt auf unserem Planeten zu leben ist der Wunsch von Luisa Schmidt, einer Frau, die Herausforderungen annimmt und sich grundlegend mit Fragen der Fairness und Gerechtigkeit beschäftigt. Luisa Schmidt ist Forscherin am Institut für Sozialwissenschaften der Universidade de Lisboa, Journalistin, Schriftstellerin, Mitglied des Nationalrats für Umwelt und nachhaltige Entwicklung (CNADS) der portugiesischen Regierung. ECO123 spricht mit ihr auch über ihr neues Buch *Portugal: Umgebungen im Wandel. Fehler, Lügen und Errungenschaften*, eine Reflexion über eine Reihe von ihr als Kolumnistin in der Wochenzeitung *Expresso* veröffentlichte Artikel.

Como é que se começou a interessar pelo ambiente?

Comecei por me interessar sobre a sociedade de consumo que estava a despontar em Portugal em meados dos anos 80. Comecei a trabalhar no *Expresso* e tinha uma secção que se chamava *Bolsa do Consumidor*. Estávamos numa sociedade fechada, um mercado muito restrito, e com a pré-adesão à União Europeia entrámos no comboio da economia de mercado e foi um *boom* de consumismo absolutamente inédito e brutal sem termos na altura legislação ambiental. Acabámos por criar imensas externalidades e muito impactos negativos do ponto de vista ambiental. Um indicador muito interessante é a produção de resíduos. Cada vez que uma sociedade entra em crescimento, produz muito mais resíduos. Mas não havia tratamento, não havia recolha seletiva, não havia nada. Ia tudo parar às lixeiras a céu aberto que eram mais de 300. Sem legislação não havia regras, não havia limites.

O ambiente mexe com tudo...

Não são só as questões dos resíduos, das águas, é também a questão do desordenamento do território, porque esse também foi o modelo de crescimento de Portugal. Os anos 90 foram muito baseados na construção, fosse de obras públicas ou privado, criando uma série de problemas ligados ao ordenamento do território e aos impactos sobre a conservação da natureza. O país tinha-se mantido conservado à força durante tantos anos que era difícil que a sociedade, ela própria, acarinhasse as áreas protegidas. Mas a partir dos anos 90 começa a entrar o normativo europeu. É quando se cria o Ministério do Ambiente e é quando se transpõe para a lei portuguesa uma série de diretivas.

A Expo98 contribuiu para a nossa visibilidade para o exterior em termos ambientais?

A Expo98 teve dois aspetos importantes. Por um lado, a questão dos oceanos. Demorou muito tempo até que o país assumisse verdadeiramente a questão dos oceanos e do mar como um desígnio importante em termos económicos e sociais. Por outro lado, a capacidade de recuperar uma zona degradada. Infelizmente foi "à portuguesa", começou muito bem com a despoluição dos solos, mas depois atamancou-se uma parte e hoje está à vista.

Do ponto de vista urbano foi uma reabilitação muito interessante e muito importante, apesar de ter carga construtiva a mais. E também foi a primeira em que nos começámos a afirmar como lugar importante de visita e que se vê no *boom* quase excessivo do turismo em Portugal. Temos uma tendência de passar do oito para o 80 de uma forma muito irrefletida em muitas coisas e isso tem-nos trazido alguns problemas. Temos de ser mais racionais nas decisões estratégicas que tomamos.

How did your interest in the environment begin?

I started by being interested in the consumer society which was starting to emerge in Portugal in the mid-1980s. I started to work for *Expresso* and it had a section called *Bolsa do Consumidor* (Consumers' Corner). We were in a closed society, a very restricted market, and, with the pre-accession to the European Union, we joined the market economy train and there was a boom of consumerism that was completely unprecedented and brutal, with no environmental legislation at that time. We ended up creating huge externalities and many negative impacts from the environmental point of view. One very interesting indicator is the production of waste. Every time a society starts on a period of growth, it produces much more waste. But there was no treatment, there were no selective collections, there was nothing. Everything went to the open-air rubbish dumps, of which there were more than 300. With no legislation, there were no rules, there were no limits.

The environment interferes with everything...

It's not just a matter of waste, or of water, it's also a question of land deregulation, because that was also the model of growth in Portugal. The 1990s were largely based on construction, be it public or private, creating a series of problems connected with land regulation and the impacts on nature conservation. The country had remained conserved by force over so many years that it was difficult for society to take care of the protected areas itself. But, from the 1990s onwards, European regulations began to take effect. That was when the Ministry of the Environment was created and when a series of directives were introduced into Portuguese law.

Did Expo98 contribute to our visibility to the outside world in environmental terms?

Expo98 had two important aspects. On the one hand, the question of the oceans. It took a long time for the country to accept the question of the oceans and the sea as an important aim in economic and social terms. On the other hand, the ability to redevelop a degraded area. Unfortunately, it was done in the Portuguese way; it started very well with the depollution of the land, but later part of it was botched and the result is still visible today.

From the point of view of urban development, it was a very interesting and very important rehabilitation project, despite the fact that there was too much construction. And it was also the first time that we started to affirm ourselves as an important place to visit, which can be seen in the almost excessive boom in tourism in Portugal. We have a tendency to go from one extreme to another in a very unreflective way in many things, and this has created a number of problems for us. We have to be more rational in the strategic decisions we take.

Was hat ihr Interesse für die Umwelt geweckt?

Ich habe begonnen, mich für die Konsumgesellschaft zu interessieren, die Mitte der achtziger Jahre in Portugal entstand. Ich fing an für den *Expresso* zu arbeiten, in einer Abteilung, die sich *Verbraucherbörse* nannte. Wir befanden uns in einer geschlossenen Gesellschaft, einem sehr begrenzten Markt und mit den Beitrittsvorbereitungen in die Europäische Union stiegen wir in den Zug der Marktwirtschaft ein und erlebten einen schonungslosen, nie dagewesenen *Konsumboom* ohne jegliche Umweltbestimmungen. Wir schafften immense externe Effekte und was die Umwelt angeht, starke negative Einflüsse. Ein sehr interessanter Indikator ist die Abfallproduktion. Immer wenn sich eine Gesellschaft in einer Wachstumsperiode befindet, produziert sie viel mehr Abfall. Aber es gab keine Aufbereitung, keine Mülltrennung, es gab gar nichts. Alles wurde auf die Müllhalden unter freiem Himmel gebracht, von denen wir in ganz Portugal 300 hatten. Es existierten weder Gesetze, noch Regeln oder Obergrenzen.

Die Umwelt betrifft alle Lebensbereiche...

Es geht nicht nur um Themen wie Abfall, Wasser, sondern auch um die fehlende Raumplanung des Landes, die auch zum Wachstumsmodell Portugals gehörte. In den neunziger Jahren wurde sehr viel gebaut, sowohl im öffentlichen, als auch im privaten Bereich, was eine Reihe von Problemen in Bereichen der Raumplanung und des Naturschutzes mit sich brachte. Das Land wurde über viele Jahre gewaltsam an der Entwicklung gehindert, so dass es der Gesellschaft selbst schwerfiel, die Schutzgebiete zu würdigen. So auch bei der Schaffung des Umweltministeriums und der Aufnahme entsprechender Direktiven ins portugiesische Recht.

Hat die Expo98 dazu beigetragen, unseren Blick in Bezug auf Umweltfragen zu schärfen?

Die Expo98 hatte zwei wichtige Aspekte. Einerseits ging es um die Frage der Weltmeere. Es hat lange gedauert, bis das Land lernte, die Problematik des Meeres und der Ozeane als wichtige sozioökonomische Thematik anzuerkennen. Andererseits ging es um die Fähigkeit, zerstörte Flächen wieder nutzbar zu machen. Unglücklicherweise geschah das „auf portugiesische Art“, es fing vielversprechend mit der Entgiftung der Böden an, wurde dann aber – wie sich heute zeigt – zum Teil stümperhaft fortgesetzt.

Aus urbaner Perspektive war das eine sehr interessante und sehr wichtige Rehabilitierungsmaßnahme, wenn auch unter zu großen Belastungen. Es war auch die erste mit der wir der wichtigen Rolle des beinahe schon exzessiven Booms des Tourismus Rechnung getragen haben. Wir Portugiesen neigen dazu, in sehr unüberlegter Weise von 0 auf 100 zu kommen und das hat uns einige Probleme beschert. Wir müssen mehr Rationalität bei strategischen Entscheidungen walten lassen.

O seu livro pretende manter essa memória e alertar para o que foi feito e o que não foi feito?

Sim, acho que sobretudo essa foi a minha intenção. Fui buscar um artigo para cada um destes temas desde os anos 90 até agora e faço um enquadramento que dá pistas até para o que se passa hoje a certos níveis. Mostra quem era o responsável, quem é que tomou aquelas decisões, no fundo, quem é que esteve a lutar pelo bem comum e pelo interesse público e quem não esteve. É importante percebermos essa evolução para também sabermos porque é que emperrámos constantemente em algumas decisões.

Há alguns artigos que me angustiam um bocadinho porque podiam ter sido escritos atualmente. É o caso da questão das florestas. Este pára-arranca nas políticas ambientais e de conservação da natureza dá sempre mau resultado. Vimos o que aconteceu o ano passado com o desordenamento florestal e com os incêndios que proliferaram por todo o lado.



A sociedade civil também está mais sensível a estas questões...

A sociedade civil entretanto também se começou a preocupar com o ambiente e a conservação da natureza de uma maneira muito diferente, com as novas gerações já com uma formação na área mais forte.

Também as autarquias têm feito uma evolução positiva. Estamos a trabalhar num projeto com 26 autarquias e com o envolvimento das populações locais na criação de estratégias de adaptação às alterações climáticas locais. Vê-se uma mentalidade já diferente, seja dos autarcas e dos técnicos das autarquias, seja das entidades e das pessoas que vivem nos sítios. Há mais transparência e mais exigência naquilo que se vai decidindo e acho que as coisas têm evoluído mais positivamente.

Does your book aim to preserve that memory and alert people to what was done and what wasn't done?

Yes, I think that that was my main intention. I tried to find an article for each of these topics from the 1990s till today, and I provide a framework which gives us an idea about what is happening today, on some levels. It shows who was in charge, who took those decisions, basically who was fighting for the common good and the public interest, and who wasn't. It's important for us to understand this development so that we also know why we constantly got stuck with certain decisions.

There are some articles that worry me a bit because they could have been written today. That applied to the issue of the forests. This stop-go in environmental policy and nature conservation always produces bad results. We saw what happened last year with the lack of regulation of the forests and with the fires that proliferated everywhere.

Civil society is also more sensitive to these issues...

Civil society has meanwhile started to show concern for the environment and nature conservation in a very different way, with the younger generations now having much better training in the environmental field.

The local authorities have also improved. We are working on a project with 26 local authorities and with the involvement of local people to create strategies for adapting to local climate change. A different mentality can already be seen, be it on the part of the municipal presidents and staff or on the part of the organisations and people who live in those places. There is more transparency, more rigour in what is decided and I think that things have developed very positively.

In the area of environmental education, especially among the youngest members of society, what has been done?

There was a time when environmental education really flourished, which was the second half of the 1990s, when Guterres declared his passion for education and put people in the Ministry of Education who were aware of the issue and managed to link the Ministry of Education to the Ministries of the Environment and Employment. All of this left its mark on a generation that is now in the local authorities, in the places where decisions are made. So, they are much more aware of environmental issues.

It is through environmental education that we can embed this subject and make it exciting. But, in 2009, they put an end to the Project Area, which was extremely important because that's where citizens were trained who are attentive to the problems in today's world. This subject-matter is part of our day-to-day lives. We can see it now with the Paris Agreement. At the moment, this is not America's problem, it's a problem of the planet and humanity. Nowadays, children and young people have to have much more robust training about the problems that they will face and which are

Möchte ihr Buch diese Erinnerung wachhalten und uns aufzeigen, was getan wurde und was nicht?

Ja, ich denke, dass vor allem das meine Absicht war. Ich habe zu jedem dieser Themen seit den 90er Jahren Berichte, Interviews und Reportagen zusammengetragen und stelle sie in einen Rahmen, der uns Hinweise darauf gibt, was heute auf vielen Ebenen geschieht. Es wird aufgezeigt, wer verantwortlich war, wer die Entscheidungen getroffen hat – im Grunde wer für das Gemeinwohl und das öffentliche Interesse gekämpft hat, und wer nicht. Es ist wichtig, diese Entwicklung zu verstehen, um herauszufinden, warum wir uns immer wieder in einigen Entscheidungsprozessen verstricken. Manche Artikel erschrecken mich ein wenig, da sie in der heutigen Zeit geschrieben worden sein könnten. Wie bei der Frage des Waldes. Dieses „Stop and Go“ der Umweltpolitik und des Naturschutzes führt immer zu schlechten Ergebnissen. Letztes Jahr haben wir gesehen, was auf Grund fehlenden forstwirtschaftlichen Managements und den daraus resultierenden Bränden, die überall auftraten, passieren kann.

Auch die Zivilgesellschaft ist sensibler für diese Fragen...

Die Zivilgesellschaft hat zwischenzeitlich auch begonnen, sich auf eine ganz andere Art mit Umwelt und Naturschutz zu beschäftigen, wobei die jüngeren Generationen schon über eine viel stärkere Umwelterziehung verfügen. Auch die Kommunalbehörden entwickeln sich positiv. Wir arbeiten an einem Projekt mit 26 Gemeinden unter Einbeziehung der örtlichen Bevölkerung an der Erarbeitung von Strategien zur Anpassung an lokale Folgen des Klimawandels. Man trifft auf eine ganz andere Geisteshaltung, sowohl bei den Bürgermeistern und Verwaltungsbeamten, als auch bei Behörden und Einwohnern.

Ich glaube, dass sich unter höheren Anforderungen und größerer Transparenz bei Entscheidungsprozessen die Dinge positiv entwickelt haben.

Was wurde im Bereich der Umwelterziehung – vor allem bei den Jüngsten – getan?

Die Blütezeit der Umwelterziehung war in der zweiten Hälfte der 90er Jahre, als António Guterres seine Leidenschaft für Bildung erklärte und für dieses Thema sensibilisierte Personen ins Bildungsministerium berief, die dafür sorgten, dass sich Bildungs-, Umwelt- und Arbeitsministerium damit identifizierten. Das prägte die Generation, die jetzt an den entscheidenden Stellen in Kommunalbehörden sitzt und ein viel größeres Bewusstsein in Bezug auf Umweltfragen hat.

In der Umwelterziehung können wir diese Themen verankern und attraktiver machen. Aber 2009 wurde das Unterrichtsfach „Área de Projecto“ abgeschafft, das sehr wichtig war, weil dort die Erziehung zu aufmerksamen Bürgern mit offenem Ohr für die Probleme in der heutigen Welt stattfinden konnte. Diese Themen beherrschen unseren Alltag, das

No dia da educação ambiental, sobretudo junto dos mais jovens, é que é que tem sido feito?

Há uma altura muito florescente para a educação ambiental que é a segunda metade dos anos 90, quando Guterres declara a sua paixão pela educação e põe no Ministério da Educação pessoas que têm sensibilidade ao tema e conseguem articular o Ministério da Educação com o do Ambiente e o do Emprego. Tudo isso marcou uma geração que neste momento está nas autarquias, nos lugares de decisão. Portanto, têm muito mais sensibilidade às questões ambientais. É através da educação ambiental que podemos ancorar estas matérias e torná-las apaixonantes. Mas em 2009 acabaram com a Área de Projeto, que era extremamente importante, porque aí se formavam cidadãos atentos aos problemas do mundo de hoje. Estas matérias estão no nosso quotidiano. Vemos agora com o Acordo de Paris. Neste momento isto não é um problema da América, é um problema do planeta e da humanidade. Hoje os jovens e as crianças têm de ter uma formação mais forte sobre

closely connected with this subject-matter – science, the environment...

Human issues and human values...

Environmental values and human values are closely related. For example, in the Pope's encyclical *Laudato Si'*, when we see these isolationist leaders saying "this is how we are" and the rest of humanity can fend for itself, we are all affected. We are interdependent; there is no planet B, so we all have to organise ourselves in such a way that we can continue to live here with humanity. The perversely positive effect of Donald Trump's attitude is to create what is known in sociology as a sub-political phenomenon; this brings different players, people or groups together, who, otherwise, would probably not unite around what, in this case, is a common evil.

Is the communication of science reaching people effectively?

The new financing arrangements for research give great importance to the question of open science and the dissemination of science and research. To a large extent, decisions today stem from science

sehen wir beim Pariser Klimaabkommen. Es ist kein Problem der USA, es ist ein Problem des Planeten und der Menschheit. Heutzutage müssen Kinder und Jugendliche eine viel profundere Bildung bezüglich der auf sie zukommenden Probleme erhalten, die viel mit diesen Themen zu tun haben, wie Umwelt, Wissenschaft ...

Die Fragen der Menschlichkeit und die menschlichen Werte...

Humanistische und umweltbezogene Werte stehen in großem Zusammenhang. Zum Beispiel in der Enzyklika des Papstes *Laudato Si'*, wenn diese isolationistischen Führer sagen „wir sind so“ und der Rest der Welt soll schauen wo er bleibt, geht uns dass alle an. Wir sind davon betroffen, es gibt keinen Planeten B. Deswegen müssen wir alle zusammenarbeiten, um hier weiter unter menschenwürdigen Bedingungen leben zu können. Der perverse positive Effekt von Donald Trumps Gesinnung ist das Entstehen von etwas, das in der Soziologie als Phänomen der Subpolitik bezeichnet wird, nämlich der Zusammenschluss von Interessenvertretern, Personen und Gruppen, die wahrscheinlich nicht zusammengefunden hätten, wäre nicht, wie in diesem Fall, ein allgemeines Übel zu bekämpfen.

Erreicht die wissenschaftliche Kommunikation wirklich die Menschen?

Die neuen Forschungsbudgets legen großen Wert auf offene Wissenschaft und die Weiterverbreitung von Wissenschaft und Forschung. Entscheidungen werden heute oft aufgrund wissenschaftlicher Forschungsergebnisse und Erkenntnisse getroffen, die aus der Wissenschaft an Politiker und an die Bevölkerung weitergeben werden. Hieraus entsteht die soziale Verantwortung des Wissenschaftlers. Die Menschen brauchen eine Entschlüsselung dessen, was auf wissenschaftlicher Ebene passiert und müssen auch öfter ihre eigene Wissenschaft entwickeln. Das lokale Wissen erhält immer größere Bedeutung.

Ist den Politikern die Bedeutung der Wissenschaft bei ihrer Entscheidungsfindung bewusst?

Diese Regierung möchte mit einem bald erscheinenden Dokument über offene Wissenschaft, eine neue Dynamik schaffen. Nicht nur auf der Ebene des Datenzugangs aus Laboratorien, Universitäten, Forschungszentren und der öffentlichen Verwaltung, sondern auch zu Bewertungen dieser Daten von Forschern und Professoren, wobei auch die wissenschaftliche Kommunikation eine Rolle spielt, oder mit anderen Worten das, was soziale Verantwortung des Wissenschaftlers genannt wird.

Das Dokument handelt auch von dem, was wir schon seit langem fordern, nämlich der Bürgerwissenschaft, oder um ein Beispiel zu nennen: es sind die Jugendlichen und Kinder

os problemas que se vão colocar e que têm a ver muito com estas matérias – a ciência, o ambiente...

As questões humanas e os valores humanos...

Os valores ambientais e humanos estão muito articulados. Por exemplo, na encíclica do Papa *Laudato Si'*, quando vemos estes dirigentes isolationistas a dizer “nós estamos assim” e o resto da humanidade que se amanha, somos todos nós que estamos em causa, somos interdependentes, não há planeta B, portanto temos todos de nos organizar no sentido de continuarmos aqui a viver com humanismo. O efeito perverso positivo da atitude de Donald Trump é criar o que se chama em sociologia, um fenómeno de subpolítica, que é juntar agentes, pessoas e grupos que seria improvável estarem unidos, em torno, neste caso, de um mal comum.

A comunicação de ciência está a chegar eficazmente às pessoas?

Os novos financiamentos para investigação dão muita importância à questão da ciência aberta e da disseminação da ciência e da investigação. As decisões hoje passam muito pela ciência e pelo conhecimento que é trazido aos políticos e às populações sobre a investigação científica e os resultados científicos. E isso cria a tal responsabilidade social do cientista. As pessoas precisam de descodificação do que se passa ao nível da ciência e também têm de entrar mais vezes na criação da própria ciência. O saber local é cada vez mais importante.

Os políticos têm consciência da importância da ciência na tomada de decisões?

Este governo quer, com um documento que vai sair brevemente sobre ciência aberta, criar uma nova dinâmica ao nível não só do acesso aos dados, seja daquilo que se produz nos laboratórios, nas universidades, nos centros de investigação e na administração pública, mas também na avaliação dos investigadores e dos professores, onde também entre a comunicação da ciência, ou seja, o que eles chamam a responsabilidade social do cientista. O que também fala este documento e que há muito tempo nós defendemos, é a ciência cidadã, ou seja, serem os próprios jovens e crianças a recolherem dados, mas seriamente, sobre as suas comunidades. Isto envolve-as na vida local e nacional, começam a perceber melhor as coisas. Defendemos também que haja um ano dedicado ao associativismo, seja ele o que for, dedicado à sociedade e ao bem comum.

Este boom de aposta no turismo em Portugal também vem trazer alguns impactos...

Eu acho que Portugal tem um *cluster* que devia ser muito mais trabalhado que é o turismo de saúde, ligado às termas. Temos

and the knowledge that is brought to politicians and the general public about scientific research and scientific results. And this creates that same sense of social responsibility among scientists. People need what is happening at a scientific level to be decoded, and they also have to embark more often on creating their own science. Local knowledge is increasingly important.

Are politicians aware of the importance of science in decision-making?

In a document that will come out soon about open science, this government wants to create a new dynamism, not only in terms of access to data (whether it's what is produced in laboratories, in universities, in research centres and in public administration), but also in the evaluation of researchers and teachers, where the communication of science is also involved. In other words, what they call the social responsibility of the scientist.

What this document also talks about, and what we have been supporting for a long time, is citizen science, in other words that it is young

selbst, die auf verantwortliche Weise Daten über ihre Gemeinden zusammentragen. So werden sie ins lokale und nationale Leben involviert und beginnen die Dinge besser zu verstehen. Wir vertreten auch die Idee eines sozialen Jahres, das egal wo, der Gesellschaft und dem Allgemeinwohl gewidmet sein soll.

Há o boom em Portugal auf den Tourismus zu setzen auch negative Auswirkungen?

Ich denke, Portugal hat einen *Cluster*, der viel stärker bearbeitet werden sollte, nämlich den Gesundheitstourismus, der mit den Thermen verbunden ist. Wir haben absolut fantastische Thermalquellen und eine alternde Bevölkerung in Europa. Einige der Gebiete die dem Massentourismus gewidmet waren, haben nicht nur bei den Menschen stark an Beliebtheit verloren, sondern können sich auf Dauer wahrscheinlich auch nicht halten, da sie keinen Strand mehr haben werden. Wir müssen in nachhaltigeren Tourismus investieren, in Naturtourismus, in *birdwatching*, zum Beispiel.



águas termais absolutamente fantásticas e uma população europeia envelhecida. Algumas das zonas que foram dedicadas ao turismo de massas, neste momento, não só as pessoas já não gostam, já não procuram tanto, como muitas dessas zonas provavelmente não se vão aguentar porque entretanto deixam de ter praia. É preciso investirmos no turismo mais sustentável, no turismo de natureza, o *birdwatching*, por exemplo. Temos imensos turistas já a procurar.

Relativamente a Lisboa, para o turismo não se tornar uma atividade depredadora, não podemos continuar a assistir às populações a serem expulsas dos bairros como são neste momento. Perdemos a nossa característica. O que é interessante numa cidade como Lisboa é a mistura social e a cultura, ver aquelas populações diferentes e diversificadas nos bairros antigos.

Falemos agora de Lisboa, como é que vive no dia-a-dia, estas questões do ambiente?

Eu tive a sorte de poder trabalhar na universidade nas questões do ambiente, do consumo e da comunicação e ao mesmo tempo trabalhar no jornalismo, ou seja, tentar de certo modo intervir na sociedade. Na universidade eu consigo através dos meus trabalhos perceber "como é que o quarto se arruma" e depois, na área do jornalismo consigo "dar o pontapé na porta", ou seja, servir muitas vezes de denúncia, outras vezes de pedagogia, trazer estes assuntos para a praça pública para serem discutidos e tentar intervir a esse nível.

No meu dia a dia, em termos de resíduos, tento não só separar como reduzir ao máximo. Acabei com o saco de plástico e adotei aqueles sacos únicos para as compras. Ao nível do desperdício alimentar, que desde sempre me preocupa, eu tento não ter. A única coisa que não consigo fazer infelizmente é deixar de utilizar o carro para vir para a universidade. Sou altamente sensível às questões da eficiência energética, ruído, tenho um grande respeito por tudo o que tem a ver com a água e portanto tenho cuidado a esse nível. Enfim, tento seguir um pouco tudo aquilo que vou defendendo em termos pedagógicos. Faço muitas intervenções nas escolas, nas autarquias, nos média, sempre que me convidam, e escrevendo no *Expresso*. Estou sempre disponível para tudo o que me desafiem no sentido de trabalhar para um país melhor, porque sou muito patriota no meio disto tudo.

Onde é que se pode intervir para melhor promover o bem comum?

É na escola, seja a escola primária, seja a universidade; é nas autarquias, nos média, nas ONG e depois nas empresas. No documento da *Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável*, o grupo da comissão nacional da UNESCO identificou onde se devia intervir e onde há capacidade de mudança.

people and children themselves who collect data in a serious way about their communities. This involves them in local and national life: they start to understand things better. We also argue for there being a year dedicated to the associative spirit, of whatever kind, dedicated to society and the common good.

This boom in tourism in Portugal will also have different impacts...

I think Portugal has a cluster of activities which should be developed much more, namely health tourism connected with spas. We have absolutely fantastic thermal waters and an ageing population in Europe. Nowadays, in some of the areas that were devoted to mass tourism, it's not just that people don't like them, or don't want to go there so much, but many of these areas probably won't keep going because they no longer have a beach. We need to invest in more sustainable tourism, in nature tourism, birdwatching, for example. We already have large numbers of tourists looking for this.

As far as Lisbon is concerned, for tourism not to become a destructive activity, we cannot continue to see people being expelled from their neighbourhoods as they are at present. We are losing our characteristic quality. What is interesting in a city like Lisbon is the social mixture and the culture, seeing those different and diverse parts of the population in the old *bairros*.

Let's talk about you now: how do you experience these environmental questions in your day-to-day life?

I was fortunate to be able to work on environmental issues at the university, on consumption and communication, at the same time as working in journalism, and intervening in society to some extent. Through my work at the university, I can understand how things are organised, and then in my journalistic work I can "give the door a kick", in other words in many cases I can reveal what's going on, and on other occasions educate, raise these subjects in public for them to be discussed, and try to intervene on that level.

In my day-to-day life, in terms of rubbish, I try not only to separate things, but also to reduce the amount as much as possible. I stopped using plastic bags and started using those bags that are specifically for shopping. In terms of food waste, which I have always been concerned about, I try not to have any. The only thing that I cannot do unfortunately is stop using the car to come to the university. I am highly sensitive to questions of energy efficiency and noise, I have great respect for everything to do with water and so I am careful about that. In short, I try to follow a little bit of everything I argue for in my teaching. I do a lot of work in schools, in local authorities, in the media, whenever they invite me, and by writing in *Expresso*. I am always available for everything they challenge me with in terms of working towards a better country, because I am very patriotic in the midst of all this.

Where is the best place to get involved in order to promote the common good?

It's at school, be it in a primary school or at a university; it's in the local authorities, in the

Es gibt schon sehr viele Touristen, die genau das suchen.

Damit der Tourismus nicht zu einer zerstörerischen Aktivität wird, dürfen wir in Bezug auf Lissabon nicht weiter zusehen, wie die Leute aus ihren Stadtvierteln vertrieben werden, wie dies zur Zeit der Fall ist. Wir verlieren unsere Charaktermerkmale. Was interessant ist in einer Stadt wie Lissabon, ist die soziale Mischung und die Kultur, diese unterschiedliche, vielfältige Bevölkerung in den alten Stadtteilen.

Sprechen wir nun über Sie, Luisa, welche Rolle spielt das Thema Umwelt in Ihrem täglichen Leben?

Ich hatte das Glück, mich an der Universität mit dem Thema Umwelt, Konsum und Kommunikation beschäftigen zu können und gleichzeitig im Journalismus zu arbeiten, oder anders ausgedrückt, zu versuchen, auf die Gesellschaft Einfluss zu nehmen. Auf der Universität gelingt es mir durch meine Arbeit zu verstehen, „wie man das Zimmer aufräumt“ und dann im Journalismus kann ich „einen Fuß in die Tür bekommen“, oder anders gesagt, mich oft der Beschwerde und manchmal der Pädagogik bedienen, um diese Themen öffentlich zu machen, damit sie diskutiert werden und auf diese Art versuche ich, Einfluss zu nehmen.

In meinem täglichen Leben versuche ich, was den Abfall anbelangt nicht nur zu trennen, sondern auch so weit wie möglich zu reduzieren. Ich benutze keine Plastiktüten mehr und nehme wiederverwendbare Einkaufstaschen. Was die Verschwendung von Nahrungsmitteln angeht, ein Thema das mich schon immer beschäftigt, versuche ich diese gänzlich zu vermeiden. Das einzige, was ich leider nicht lassen kann ist, mit meinem Auto zur Universität zu fahren. Ich bin höchst sensibel was die Themen energetische Effizienz und Lärm anbelangt, habe großen Respekt vor allem, was mit Wasser zu tun hat und gehe damit sehr bewusst um. Ich versuche also all dem zu folgen, was ich auch lehre. Ich mache auf Einladung viele Veranstaltungen in Schulen, Gemeinde und in den Medien und schreibe im *Expresso*. Ich bin immer bereit, alle Herausforderungen anzunehmen, um so zur Verbesserung der Situation des Landes beizutragen, denn ich bin bei dem, was ich tue, auch Patriotin.

Wo kann man ansetzen, um das Gemeinwohl zu stärken?

In der Schule, sei es in der Grundschule, sei es auf der Universität, in den Gemeinden und in den Medien, in den Nichtregierungsorganisationen und auch in den Unternehmen. Im UNESCO-Dokument *Dekade der Erziehung zur nachhaltigen Entwicklung* erklärt die Gruppe der nationalen Kommission, wo es einzuschreiten gilt und wo Möglichkeit zur Veränderung besteht. Es wird immer wichtiger, vor allem mit den Schulen zusammenzuarbeiten. Die Bildung



E cada vez é mais importante trabalhar sobretudo com as escolas. A educação é básica em tudo. E não se vislumbra hoje a educação sem a articulação do ambiente com as questões sociais, com as questões culturais e até económicas, uma economia circular cada vez mais.

Como queremos viver?

Essa é a questão mais importante. Queremos viver com melhor ambiente, melhor saúde pública e mais qualificada, mais qualidade de vida, mais justiça social e ambiental, mais equidade, menos desigualdades sociais, uma economia menos pressionante dos recursos, ou seja, uma economia verde ou circular, em que tudo é reaproveitável. Fundamentalmente queremos viver de uma forma coletivamente mais gratificante e com uma atenção que seja simultaneamente local e global e com mais ciência, mais conhecimento, mais saber, com mais confiança nos poderes, sejam eles quais forem, mas também com mais ética e mais responsabilidade por parte desses poderes. E queremos viver também com mais esperança.

Obrigada.

media, in NGOs and then in companies. In the document for the *Decade of Education for Sustainable Development*, the group of the national UNESCO committee identified places where people should intervene and where there is the capacity for change. And it's increasingly important to work with schools above all. Education is basic in everything. And education cannot be seen today without linking the environment with social issues, with cultural and even economic questions, a circular economy more and more.

How do we want to live?

That is the most important question. We want to live with a better environment, better, and better qualified, public health, better quality of life, more social and environmental justice, more equity, fewer social inequalities, an economy that puts less pressure on resources. In other words, a green or circular economy in which everything can be re-used. Basically, we want to live in a way that is collectively more gratifying and attentive in a way that is both local and global, and with more science, more knowledge, with more trust in the powers that be, whatever they are, but also with greater morality and responsibility on the part of those powers. And we also want to live with more hope.

Thank you.

ist Grundvoraussetzung für alles. Heutzutage kann man diese nicht betrachten, ohne die Umwelt mit den damit verbundenen sozialen, kulturellen und sogar wirtschaftlichen Aspekten, einer mehr und mehr entstehenden Kreislaufwirtschaft, im Blickfeld zu haben.

Wie wollen wir leben?

Das ist die wichtigste Frage. Wir wollen eine bessere Umwelt, bessere und qualifiziertere öffentliche Gesundheitsversorgung, mehr Lebensqualität, mehr soziale und ökologische Gerechtigkeit, mehr Gleichheit, weniger soziale Ungleichheiten, eine ressourcenschonendere Wirtschaft, das heißt eine grüne, oder Kreislaufwirtschaft, in der alles wiederverwertbar ist. In erster Linie wollen wir in einer Form leben, die für alle zufriedenstellender ist. Mit gleichermaßen lokalem und globalem Bewusstsein und mit mehr Wissen und Wissenschaft, mit mehr Vertrauen in die Führungskräfte gleich welcher Art, aber auch mit mehr Ethik und mehr Verantwortlichkeit seitens der Führungskräfte. Und wir wollen auch mit mehr Hoffnung leben.

Thanks.